

## ENTREVISTA A JOSÉ ÂNGELO BATISTA DO MONTE

24 de Agosto de 2017

**ENTREVISTADO:** José Ângelo Batista do Monte

---

**Centro de Mar** – Então diga-me lá, trabalhou portanto...

**Ângelo Monte** – Trabalhei aqui na empresa de pesca, aqui na seca, empresa de seca de Viana do Castelo, nós chamamos seca mas é empresa de pesca, era a única que havia,. Já houve outras, acolá daquele lado mas isso já não é do meu tempo, trabalhei lá 50 anos...

**Centro de Mar** – 50 anos...e o que é que fazia?

**Ângelo Monte** – Com o desemprego e tudo, tive 3 anos no desemprego...53 anos...

**Centro de Mar** – E qual era a sua função?

**Ângelo Monte** – Muita coisa olhe, fui para lá com 14 anos tinha ido para a fábrica dos engenheiros que era serração de madeiras e depois vieram me chamar para ali, antes havia muito trabalho não é...estava de ajudante serrador, fui com o dedo à serra, deixei aquilo e vim embora, na mesma semana fui para ali, fui ajudante...primeiro fui servente, depois passei a ajudante, depois passei a oficial de terceira, oficial de segunda e oficial de primeira e passei a encarregado e fiquei encarregado...

**Centro de Mar** – Mas trabalhou ali na seca do bacalhau...

**Ângelo Monte** – Tudo na seca do bacalhau, foi de rapaz até vir embora...

**Centro de Mar** – Com que idade é que começou lá a trabalhar?

**Ângelo Monte** – Com 14 anos, quando fui para lá, havia lá 1600 mulheres...

**Centro de Mar** – 1600 mulheres, saleiras e salgadeiras?

**Ângelo Monte** – Trabalhavam, seca artificial, secar o bacalhau, secar o bacalhau em estufas, tinha uns corredores, 4 linhas, 2 linhas daqui, 2 linhas de acolá, entrava por um lado saía pelo outro...o bacalhau para secar, depois passei a encarregado, passei a oficial e passei a ser eu a mandar da seca de cima para a seca de baixo, era eu, tínhamos 2 secas, em dois sítios, era a seca nova e a seca velha, eu estava na seca nova e o sobrinho do patrão estava na seca velha, ele era o encarregado geral claro, porque era sobrinho do patrão...

**Centro de Mar** – Tudo nesta margem?

**Ângelo Monte** – Nesta seca, tudo aqui, e depois aquilo não tinha muito que saber não é, era o bacalhau amarelo...

**Centro de Mar** – Bacalhau amarelo, consegue explicar-me melhor...

**Ângelo Monte** – Passei a ser eu a fazer o bacalhau amarelo, você nunca viu bacalhau amarelo? O bacalhau amarelo há muita gente, muitas pessoas que chegaram a vir falar comigo aqui da seca de Aveiro, vinham ter comigo para ver se eu ia para lá, ganhar muito mais dinheiro sabe...eu moro aqui, para ir para Aveiro ganhar mais uns tostões, não, estava aqui, estava com a família, tinha lá a minha mulher a trabalhar... e o bacalhau amarelo diziam, “aí o bacalhau leva produto...”...

**Centro de Mar** – Mas tem a ver com a cura?

**Ângelo Monte** – O bacalhau amarelo não leva produto nenhum, é assim, o bacalhau amarelo primeiro está salgado, não é, o bacalhau é lavado numa máquina, uma máquina de escovas sempre a andar, as mulheres ali metem e tiram, que a escova passa e limpa aquele lixo e depois dali tiram-lhe aquelas tripinhas que tem, muito bem feito, e depois vai para umas tinas grandes para a água, para tirar o salitro, porque se deitar a secar com o salitro fica branco, se tirar o salitro fica amarelo, agora o que tinha de saber era o seguinte, se fosse folhas, vá, nós chamamos-lhe o correento crescido miúdo ou graúdo ou especial, o especial era o maior...por exemplo o especial, tinha que levar 2 horas de água, 2 horas, mudava-se a água ao fim de essas duas horas e metia-se água nova e depois ao fim tirava-se, depois das 4 horas e ia para a latada, apanhar o sol...

**Centro de Mar** – Latada era...

**Ângelo Monte** – Latada era a secar cá fora...também ia para a seca artificial, mas se tivesse bom tempo era tudo cá fora...punha-se ali a secar, a temperatura não podia passar de 21 graus, se passasse de 21 graus queimavam...

**Centro de Mar** – E como é que controlavam isso?

**Ângelo Monte** – Tínhamos os termómetros pousados na latada, até chegar a 20, cuidado e tal...quando estivesse a passar de 20 as mulheres todas, bacalhau para dentro...

**Centro de Mar** – Quantas folhas é que costumavam secar?

**Ângelo Monte** – Era daqui de cima lá baixo, era 1 quilómetro de seca...

**Centro de Mar** – Centenas?

**Ângelo Monte** – Centenas? Ui Jesus, se fosse do bacalhau por exemplo do graúdo, já não digo especial, o graúdo é mais pequeno um bocado, do graúdo devia ter quê? Mais de 3 mil folhas de bacalhau...

**Centro de Mar** – Tudo a secar...

**Ângelo Monte** – Tudo a secar ali, todos os dias...aquilo estava seco e ia para dentro, não secava no mesmo dia...por exemplo, se tivesse um dia como agora, 2 dias e meio e estava seco...mas às vezes não estava vento e estava muito calor, tinha-se de se meter para dentro...

**Centro de Mar** – Ficava dia e noite o bacalhau a secar?

**Ângelo Monte** – Não, botava-se de manhã às 8 horas e metia-se às 17 horas...

**Centro de Mar** – E depois no dia a seguir...

**Ângelo Monte** – E no dia a seguir a mesma coisa, até estar seco...estava seco ia aquele para dentro e ia outro para fora logo...

**Centro de Mar** – E já agora, o bacalhau como era trazido aqui para a seca?

**Ângelo Monte** – Vinha nos navios que vinham a Viana e vinham em camionetes...

**Centro de Mar** – Camionetes...

**Ângelo Monte** – Era...vinham em navios e depois para a seca vinham...mas antes não era assim, no princípio não era assim, no princípio vinha a camioneta e aqui tinha uma camioneta que estava aqui, no largo ali, tinham aqui uma prancha, como os trolhas sabe, uns caixotes, uma prancha e uma prancha dali, umas com os cestos na cabeça, você estava com o cesto na cabeça e carregava-se, quando visse que chegasse iam botar lá dentro...era feito assim...

**Centro de Mar** – Era no barco, vinha na camioneta e descarregavam... e o sal?

**Ângelo Monte** – Já vinha com o sal...se pegar num peixe verde, se puser um em cima do outro, ao calcar depois cola, tem que levar sal, se não levar sal...por exemplo, aqui se tivesse tempo de chuva, para fazer bacalhau amarelo...tempo de chuva tinha-se de estar...lavava-se, e botava-se umas arrieiras de sal, cada camada, tínhamos os carrinhos...se fosse aqui na seca, pegávamos, depois dele lavado, estava tempo de chuva não o podíamos deitar fora, punha-se a camada em cima dos carrinhos e deitava-se umas arrieiras de sal...porque se não botasse quando fosse tirar o bacalhau, você puxava e ficavam logo agarrado uns nos outros...

**Centro de Mar** – Mas não apanhou aquilo das saleiras...traziam o sal dos barcos...

**Ângelo Monte** – O sal vinha para aqui, e levavam para lá os navios também...no próprio porão quando iam ao bacalhau, levavam o sal, depois o salgador abria-o, lavava-o e botava o sal...

**Centro de Mar** – A saleiras, qual era o...

**Ângelo Monte** – As saleiras como?

**Centro de Mar** – Eu tenho essa informação, mas se calhar já é mais antiga, do tempo dos lugres, na pesca à linha...porque nós temos a informação, portanto,

que havia as saleiras e as salgadeiras, portanto as saleiras levavam o sal para os bacalhoeiros e depois traziam o sal aqui para as secas, para esta e para a outra que havia ali no...

**Ângelo Monte** – Vocês chamam as saleiras, quer dizer, esse sal vinha de Aveiro, das coisas de Aveiro...

**Centro de Mar** – Mas vinha de barco...

**Ângelo Monte** – Vinha de barco ou camionete, nós não tínhamos barco para trazer o sal, vinha em camionetes, uma camionete ou duas hoje, amanhã fazia falta ou daqui a 8 dias vinha outra, não tínhamos barco de sal, os barcos eram do bacalhau, tivemos 7 barcos do bacalhau e faziam 2 viagens por ano, cada barco, o pior é que depois...

**Centro de Mar** – Mas lugres ou arrastões?

**Ângelo Monte** – Arrastões e linha, primeiro em linha...eu sou do tempo dos de linha, esses iam 6 meses para lá, só a fazer 1 viagem, os de linha era só uma viagem mas depois os arrastões faziam 2, os arrastões eram mais rápidos, mas depois houve a coisa de pagar cotas, só pode trazer x toneladas, os navios vinham... este navio já tinha por exemplo trazido a carga quase toda, vinham com carga a mais e iam descarregar à Espanha, não descarregava aqui, tivemos aí uma vez a judiciária, o patrão era muito forte, sabe como é, e eu por acaso nessa altura estava na descarga no navio que era o Praia da Codeúda, estava na descarga desse navio na doca, e aparece-me lá 3, já tinham vindo aqui à seca e aparecem-me lá, identificaram-se, perguntaram-me quem era que estava à frente daquilo, disseram-me “olhe somos da judiciária, e queremos ver o peixe que o navio trás, temos que rasgar caixas...”, ele vinha em caixas, era peixe mas vinha em caixas, não vinha salgado, vinha congelado, “vocês vão rasgar as caixas mas tenham cuidado, sabem como é...o peixe estragasse...”, são muito fortes e queimava, se não tivesse a caixa de cartão por fora queimava, “Está bem, nós vimos uma ou outra e tal...”, “Pronto, está bem, olhe...eu não queria problemas lá com a judiciária...”, “Dê-me um telefonema da seca, para mandar o sr. fulano tal, para vir à seca para falar com o chefe deles...”, e eu fui a beira de ele os três “Há assim, assim, um telefonema da empresa de pesca para o sr. fulano tal, que vá à seca para falar

com o seu patrão”, começaram-me a mirar muito bem, este gajo querer nos trocar a volta...mas não, era verdade “foi um telefonema que eu recebi agora da seca e olhe, fulano disse para ir lá...”, falaram uns com os outros e lá foi um...esse já não veio mais, no outro dia já não veio nenhum...tudo livre...o patrão era muito forte, era do tempo do Presidente da República que era o Ramalhetes, foi nesse tempo, que depois entraram outros presidentes não é, foi nesse tempo...não sei se você conheceu o Samarra?

**Centro de Mar** – Não, não...

**Ângelo Monte** – Que era o patrão mais forte...

**Centro de Mar** – Eu já não apanhei nada disso...

**Ângelo Monte** – Você é novo...mas eu já tenho 76, Samarra era do Porto, e tomaram conta disto aqui que estava a dar o berro, por causa das cotas...foi o Sr.º Cerqueira, quando estava o Sr.º Cerqueira isto foi uma mina, no natal andavam as mulheres com canastras à cabeça, por aqui, por areia, por aí a cima até Darque a distribuir cargas de bacalhau, línguas e tudo...

**Centro de Mar** – E diga-me uma coisa...então isto, funcionava, portanto, chegava o bacalhau, fazia-se ali a limpeza do peixe...

**Ângelo Monte** – Espera, da limpeza do peixe, primeiro era a limpeza e depois... eu falei-lhe no especial que era de 2 em 2, mas se fosse do graúdo já de 2 em 2, era 1 e meia em 1 e meia, e se fosse do corrente já era de 1 em 1, sabe porquê, o sal do peixe era mais pequeno, menos água tinha que levar, porque se você desse água a mais ficava muito, não era amarelo, era quase preto, ficava mais escuro, não podia levar água a mais nem água a menos, se levasse água a menos ficava meio branco se levasse água a mais ficava mais escuro e não podia ser, tinha de ser aquilo...e foi disso que veio a seca de Aveiro, os gajos eram... o patrão uma vez até me chamou e ele estava a brincar não é...porque eles vieram ter comigo primeiro a ver se eu queria ir para lá e tal...acho que faz o bacalhau amarelo aqui...faço não, mandava fazer, tinha as mulheres aqui...queríamos saber como era e tal, podia-nos explicar...olhe, você quer saber, suba aquelas escadas e vá ao patrão, ele lá explica-lhe, e foram lá...e depois foram embora, prometeram-me que me

davam mais dinheiro e tudo mas eu não fui, depois o patrão mandou-me chamar, “Então Zé, foste dizer a eles como se faz o bacalhau amarelo, não, estás a prejudicar a empresa!”, assim, a fazer-se de chateado, “ouça, isso é mentira, eles vieram-me perguntar e eu disse a eles que viessem aqui saber, eu não lhes disse nada...”, estavam os dois, ele e o outro, o Sr.º Carvalho e o senhor...que era o que mandava mais, ele assim para o outro “Está a ver Carvalho, eu disse logo que o Zé não ia dizer nada, Zé está descansado, fizeste bem Zé...”

**Centro de Mar** – Olhe e explique-me então um bocadinho melhor o processo, como é que funcionava e que mudanças foram havendo ao longo do tempo...

**Ângelo Monte** – As mudanças que fizeram mais foram estes padrões que os outros estavam sempre tudo no mesmo, os outros era atrás das mulheres, ele há fotografias, mesmo na doca, era para a mesma empresa, iam as mulheres com o cesto à cabeça, chagavam lá baixo carregavam o cesto pela prancha a cima e vinha na camionete, mas depois foi modificado, o peixe já vinha em paletes da doca, a grua pegava na palete, assim desta altura, numa palete, ainda à paletes aí, eu também tinha mas já acabaram...pegavam no peixe, em cima da camionete, a camionete trazia 12, 13 paletes de cada vez, não era só uma camionete, vinha uma carregava e vinha, outra e outra...era sempre assim... e depois na seca, descarregava as paletes e tínhamos uma máquina pequena, um empilhador tinha assim uns garfos à frente, metia assim nos coisos da palete porque a palete era assim, tábuas por baixo, tábuas por cima, a empilhadora metia ali, pegava na palete e punha onde queria, isso cortou muita mulher que depois já passaram a ser para aí umas 600 mulheres, já viu o que era, descarregar à mão...aquilo era rápido, até nas camionetes, era por exemplo 5, 6 camionetes passaram a ser 3 camionetes, chegavam...

**Centro de Mar** – E depois o peixe chegava aqui...

**Ângelo Monte** – Chegava aqui e ia para a pilha, a câmara frigorífica, ia para a pilha, estava salgado, mas mesmo ao por na pilha, as mulheres ali...era rés do chão, e 1º andar mas tinham umas escadas largas, umas escadas assim, para ir para o 1º andar, olhe que aquilo era duro, as mulheres todo os dia para cima para baixo...chegavam lá cima botavam aquilo no chão, o peixe, estavam lá

outras a empilhar, a fazer a pilha, aquilo era muitas gente, levava muita gente...

**Centro de Mar** – E depois, portanto, havia a parte da seca cá fora, não era...

**Ângelo Monte** – Era, a de lá de dentro era assim, havia três turnos da seca artificial, das 6h às 2h, das 2h às 10h e das 10h às 6h da manhã, tinha três oficiais, três ajudantes e tinha três turnos de mulheres...cada turno tinha 16 mulheres

**Centro de Mar** – E diga-me uma coisa, mais ao menos por ano quanto bacalhau passava ali por...

**Ângelo Monte** – Ui Jesus...muita tonelada, então, tínhamos 7 navios, era conforme, haviam navios mais pequenos e mais grandes... 7 navios, você veja, fazer 2 viagens cada navio, um navio desses dos mais grandes podia trazer aí umas 30 toneladas, 40 toneladas, não sei ao certo...eu cheguei a estar na balança mas...hoje ia para o patrão, amanhã ia para o patrão, nunca somei tudo...mas trazia muita tonelada, os navios traziam muitas toneladas, o mais pequeno trazia menos, o maior trazia mais, traziam cargas de bacalhau, traziam línguas, chegaram...olhe que eu dei carros, carros de espinhas, sabe porquê? Porque esses patrões que entraram novos não queriam a espinha, porque passou a vir o peixe direito e tínhamos uma máquina na seca, aquilo abria, umas máquinas, tinha assim um corte, pegava num peixe aqui na máquina, andava um alicate aqui sempre à volta...o alicate pegava nele e cortava assim direito, aberto, ouviu, aquilo é que era...e os patrões não queriam essas espinhas e eu vi-me lixado no princípio sabe porquê? Porque chegava ao fim do dia com o quê...para aí com 7 ou 6 toneladas de bacalhau escalado e o que tinha de fazer...o pessoal largava às 17h e eu tinha de tirar dali, já tinha aquele pessoal só selecionado para aquilo, tinha que tirar dali 6 mulheres ou 7 para ir com os carrinhos despejar acolá, fazer um buraco e despejar lá, chamavam-lhe a seca velha, abriam, despejavam naquelas poças e tapavam...eu ficava lixado, o que é que eu fiz? Comecei a dá-las...um dia sou chamado ao patrão, era tanta gente e tanta gente ali e os mais maus eram os ciganos, faziam ali um berreiro do carago, sou chamado ao patrão “Então Zé, quem deu ordem de estar a dar as espinhas?”, “O senhor não as está a

vender, não as está a aproveitar e você tinha de tirar 6 mulheres dali e essas mulheres faziam-me falta para estar a salgar o peixe, que depois saía da máquina e tinha de ir para salgar...”, “Pois é mas assim levavam peixe e tudo”, “ Não, não só as deixava entrar quando o peixe estava a acabar de escalar, as mulheres que haviam de estar a fazer a limpeza tinham que ir enterrar as caras, as espinhas e assim não faziam a limpeza e ficava tudo limpinho para o outro dia...”, “Aí é?”, “ Pois é, pois se tivesse bacalhau levavam tudo...”, às vezes até levavam... era assim, a gente ia deixando fazer, queria que você visse aquilo, fazia-se um monte de espinhas daqui a acolá desta altura, mas quê, um quarto de hora não tinha nada ali...

**Centro de Mar** – Mas essas espinhas serviam para quê? O que é que faziam com elas?

**Ângelo Monte** – Para comer, aí uma caldeirada...essas espinhas levam carne, não é só espinha é a espinha do meio não é, e o peixe era... a máquina cortava assim e assim, aquela carne ia ali no meio, tivesse agora essas espinhas, eu antes quero isso que o bacalhau, é saboroso, aquilo é que é bom...tem os samos, a espinha tem o samo, hoje nem se vê isso porque hoje os samos custam muito dinheiro agora à pouca coisa, agora aproveitam tudo...

**Centro de Mar** – E aqui a parte da salga? Ele era salgado antes ou depois da seca...

**Ângelo Monte** – Quando o peixe, nos princípios já vinha do mar escalado, salgado e tudo, quando andavam com a coisa à cabeça...

**Centro de Mar** – E só secavam aqui...

**Ângelo Monte** – Aqui só lavam e secavam, lavavam um sal fresco e ia para secar...

**Centro de Mar** – Dois dias e...

**Ângelo Monte** – Estando bom dois dias, o especial não, o especial leva mais, mas 2 dias estava o peixe seco...

**Centro de Mar** – Estava pronto para venda então...

**Ângelo Monte** – Pronto para seguir, mas depois eles também não o queriam muito seco, sabe porquê? Dava mais nota, você vai comprar uma folha de bacalhau que esteja mais húmido pesa mais que pesa o outro que está seco, é preciso saber a coisa toda, aquilo não era para burros...

**Centro de Mar** – E depois passou a ser diferente...

**Ângelo Monte** – Depois quando passaram a haver as cotas, o navio já trazia o peixe congelado, já foram navios próprios para congelar, já não era navios à linha, esses navios acabaram, foi navios próprios para congelar, vinha congelado, vinha fechado, chegava lá, pega num bacalhau e era assim...

**Centro de Mar** – Mas congelado?

**Ângelo Monte** – Não, ficava aqui nestes armazéns que agora caíram a baixo também, naqueles armazéns deixava-se o eixo, assim estendido no chão, cimento fresco, estendido no chão para amanhã e depois a mulher só pegava, vinha do carrinho, um carrinho com umas tabuletas, tinha 4 rodas, umas ali a carregar tinha ali um carrinho, carregavam, vinham aqui à beira dela, tinha lá uma mulher, aquilo... não eram todas as mulheres, você veja, ela sozinha dava que fazer a duas máquinas, a carregar o peixe dali, que às vezes metia-se numas tinas também, descongelava na própria água de um dia para o outro, essa mulher sozinha dava que fazer a duas máquinas, quando essa não vinha por um motivo qualquer, tinha que por duas e não davam que fazer às máquinas, eu punha-me a apreciar, mas as mulheres não tinha culpa, elas não paravam, mas não sei... é como um artista, pega numa peça de ferramenta que sabe, percebe daquilo...vou eu que não percebo daquilo...

**Centro de Mar** – E aqui a empresa ficou...a té quando ficou, funcionou isto?

**Ângelo Monte** – Eu saí de lá com 62 anos, depois não havia trabalho, eu estava lá não fazia nada, havia lá um rapaz qua comprava um jornal todos os dias e trazia-me, não deixava ler mais ninguém, nem ele lia que ele não sabe ler mas comprava o jornal para mim, sabe porquê, porque eu dizia amém com ele, ele era meio...e ele dizia alguma coisa qualquer e eu “tá calado, és um burro”, o rapaz tem razão então tomou aquilo em coisa a mim e trazia-me o jornal todos os dias depois digo assim “Bom, se me derem metade do

ordenado vou me embora”, mas estava lá um que era o encarregado dos serralheiros “você não pense nisso, você não vai embora...”, “Porquê?”, se eu viesse embora ele não sabia trabalhar com aquilo sabe, não sabia trabalhar com a seca artificial, ele não queria que eu viesse, “Não, se me der metade vou embora”, e vim, cheguei lá o sr. Gomes, chamava-se Gomes também, era enteado, não era filho “ouvi dizer que nos davam metade do que nós temos direito, se me der metade vou me embora”, eles foram ver, naquela altura, deram-me 1500 contos, tinham que me dar muito mais não é...andava à lampreia, estava ali não podia fazer nada e eles não deixavam ir, 1500 contos, pumba, vim embora, fui 3 anos para o desemprego, 3 anos e meio, vim-me embora, acabou, pronto...comecei a andar ao rio...

**Centro de Mar** – Acabou em que ano?

**Ângelo Monte** – Olhe, eu tenho 76 eu tinha 61, 18, 17 anos, logo atrás de mim veio quase tudo embora...

**Centro de Mar** – Mas fez seca até essa altura...

**Ângelo Monte** – Desde pequenino, antes de ir para lá, eu andava por aqui com umas ovelhas e umas touras que nós tínhamos...

**Centro de Mar** – 90 e tais...

**Ângelo Monte** – Nessas alturas as mulheres não tinham grande trabalho, ao nascer do sol tínhamos de estar lá, e ao por do sol, assim que o sol se metesse é que vinham embora, eu depois tinha de ir para a tropa era o, você não conhecia, o Dr.º Botelho, já morreu também, depois do Cerqueira ficou o Dr. Botelho, tudo das famílias sabe, eu estava à rasca, ganhava pouco, a mulher não trabalhava e já tinha uma filha, ia para a tropa com 20 anos, já tinha uma filha, e pedi ao Cardona que era um interprete do Sr. Cerqueira haver se ele dava o jeito, eles vinham lá todos os dias... lá vou eu “ Sr.º Doutor...”, deram uma chapelada, todo porco, todo velho...” Sr. Doutor dá licença?”, “ O que é que queres?”, “trabalho aqui há tantos anos, tenho aqui a minha mulher”, ia só algumas vezes por semana, vinha ali hoje, mau tempo, embora...vinha amanhã...às vezes vinham uma semana inteira e não trabalhavam nada, mas tinham de vir ali, mas a minha era daqui da beira, mas vinham do Castelo,

vinham da Meadela, Santa Marta, vinham de São Romão, você já viu o que é vir aqui e ter que ir embora e depois eu fui-lhe pedir, “Tenho que ir para a tropa Sr.º Doutor e tenho uma filhita, a minha mulher trabalha aqui mas não é efetiva, queria ver se o Sr.º Doutor a metia efetiva ou ao menos até eu vir da tropa”, o Cardona, o falecido também foi um gajo porreiro, “ Sr.º Doutor o rapaz é o melhor que temos aqui Sr.º Doutor”, antes que ele disse-se que não, aquilo é tudo bem feito, porque eu já lhe tinha pedido ao Cardona, “Vai lá avisar o Zé...”, que era o encarregado “...a partir de hoje fica efetiva”, aquilo passava-se ali coisas, passei ali um tempo, mas eu fui sempre favorecido, sabe porquê, toda a gente sabe, temos que trabalhar aqui na seca, o Fitas esse, trabalhou foi em Viana, era por conta da empresa mas foi em Viana, eu fui sempre dos rapazes que fui sempre mais beneficiados, ganhava pouco mas era sempre o que ganhava mais, sabe porquê? Porque eu via você no ...com aquela e com aquela, virava a cara mas não dizia nada, vinha um oficial...eu ainda era um rapaz “Pá tu não viste aquele a fazer isto...”, “Eu? Eu não vi nada homem”, “Então estavas lá e não...”, “Eu não vi nada”, haviam outros que diziam tudo e eles para trás, para trás, eu era ajudante dos três, não pode ser, mas todos me queriam para eles sabe... uma vez o encarregado geral de cá de baixo, estava a seca parada, “O Zé, vai lá cima num instante vai forrar aquele motor que...”, lavava peixe lá em baixo e peixe lá em cima “Vai forrar aquele motor num instante que não está forrado”, mas já tinha visto mais vezes e vem uma de acréscimo, uma boazona, e ele mandou-me para eu sair dali, eu estava lá na casa das máquinas com ele, lá vou eu a correr, eu naquela altura não era como agora, a correr para um lado e a correr para o outros, diz-me assim a encarregada “Oh Zé, onde vais?”, “Vou forrar o motor”, “ Não mexas que o motor não está furado...”, “Mas o encarregado mandou-me vir aqui...”, “Já te disse, não mexas, deixa estar”...depois aí já vi tudo, venho para baixo outra vez, vou a entrar na casa das máquinas e vejo-o agarrado à gaja, era dos grandes, eu peguei para trás, sabe para onde fui? Fui para a casa de banho, só vim à noite, às 16:30h, ia eu a entrar na porta diz ele assim “Ouve lá, ainda vens agora”, “Olhe...”, “Pronto, pronto...vai para ali, vai fazer aquilo”, viu logo, este...viu, mas nunca disse nada e ia-me safando...e o que é que ganhava com isso?

**Centro de Mar** – Pois claro, e não estava a fazer nada de mal

**Ângelo Monte** – Eu estive a minha roupinha toda em França, a minha irmã o meu cunhado levaram-me para lá e tive a minha roupinha toda na França e tive de a mandar para trás outra vez, sabe porquê? Porque naquele mês souberam que eu ia montar o...eu ganhava 2 contos e meio por mês, naquela altura era muito dinheiro, “Ei anda para cá”, “Já não vou, manda-me a roupa”...eles queriam que eu ficasse ali e fiquei, estive nesta empresa 53 anos, 3 do fundo de desemprego, 50 anos lá a trabalhar, não tive um dia que me cortassem uma hora, nada, recebi sempre, sempre, sempre...

**Centro de Mar** – Estou a ver do que diz tem boas memórias...

**Ângelo Monte** – Você não conheceu o Engenheiro Aião? Era um engenheiro da casa...

**Centro de Mar** – Eu da empresa de pescas só conheci o Bentedi da Areosa...conheço porque era meu vizinho

**Ângelo Monte** – Mas esse...estava casado na Areosa, esse Engenheiro Aião ficou assim com uma sede, mas ele não teve razão nenhuma sabe porquê? Tínhamos a cresce ali das crianças e tinha a Doutora, a manda mais da cresce, era ali da Meadela, era uma primeira sabe, eu é que era chamado...tinha aquele jeito não é...”ponha aqui um cortinado para as crianças...”, e eu fazia, quando chamava para ir lá era eu sempre, o encarregado “Oh Zé vai lá cima à cresce...”, e num belo dia vou à cresce, tinha um corredor e tinha a coisinha dela, da diretora, e estava o Engenheiro agarrado a ela, mas eu não tenho culpa nenhuma, eu ia a andar, a porta estava aberta e eu olhei, não estive a olhar, olhei, o gajo viu que eu que vi, não me gramava, eu nunca disse nada, não ganhava nada com isso, aqueles que falavam estavam lixados, não dava, nada, nada, nada eu era sempre quem ganhava mais dinheiro que eles, eu fui dos rapazes que mais dinheiro ganhava lá...

**Centro de Mar** – E dali da outra seca, lembra-se...a do...ali da praia, do Barracão dos Touros...

**Ângelo Monte** – Não, eu sou desse tempo, que vinham os barcos, que vinham as bateiras por ali a cima descarregavam na doca...vinham para ali, mas eu lá dentro nunca estive...

**Centro de Mar** – Mas essa seca funcionou até quando?

**Ângelo Monte** – Essa seca, ui, essa seca funcionou, quando eu fui para aqui já não havia aquela seca, conheci aquela seca e via os barcos porque andava com as tourinhas, agora tem estrada mas antes não, via os barcos a vir com o bacalhau, mas isso era eu rapaz pequeno, essa seca já acabou há mais de 70 anos...

**Centro de Mar** – E da seca artificial como é que funcionava?

**Ângelo Monte** – A seca artificial, é por isso que o outro não queria vir sabe... foi por isso que eu fui escolhido para encarregado, eramos 3, e os outros 2 eram mais velhos que eu, tinha obrigação de um deles ir para encarregado, mas eu não queria aceitar, sabe porquê? Porque isto de mandar em mulheres não como mandar em homens, mas o Zé conhecia todas, desde pequeno, havia lá mulheres boas, mulheres casadas, estamos a falar boas mas é em espirito delas e já as conhecia todas, mas é um perigo sabe porquê? Pegava numa dessas vai acolá para a Câmara, é como tudo, nós não agradamos a toda a gente...eu dizia “Vai ali para a câmara”, ela ia para a câmara...ia ver o trabalho, aquilo como está, outra acolá, ali mais duas, eu não me dava com essa mulher e agora é muito minha amiga, mas era uma víbora para mim e depois quando acabou isso veio-me pedir desculpa, “Ah eram aquelas...que me incentivavam...”, mas eu mandava-a para ali mas não a mandava sozinha, porque ela tinha amigas dela e eu tinha outras minhas amigas...” Sr.º Zé, não a mande sozinha, olhe que ela vai lhe pregar uma rasteira...”, “vai o quê, eu já conheço isto há muitos mais anos que ela...”, só fazia falta uma para lá, “tu e tu para acolá, não respondas mais”, sabe porquê? Vai sozinha, um gajo vai lá dentro ver, tinha lá mulheres dessa praça...chegava ali apertava um...”olha, olha o que ele me fez”, caía em cima da empresa de pesca, olha o encarregado...não, mas vale ir duas e havia outras que ia uma sozinha, pessoas sérias não é...depois essa veio-me pedir desculpa “Zé, desculpa...”, “Tu foste uma víbora contra mim e agora estás assim”, “Aí sabes como é,

aquelas...incentivavam-me para fazer contra si...”, “Mas não arranjaste nada, não resolveste nada”...

**Centro de Mar** – A seca artificial então...

**Ângelo Monte** – A seca artificial, era noites e dias, era uma semana de noite e duas de dia e depois quando passei a encarregado passei só a ir de dia, de noite não se andava...

**Centro de Mar** – Mas aquilo era em máquinas não era Câmaras de...

**Ângelo Monte** – Era à máquina...

**Centro de Mar** – Metia-se lá o bacalhau para secar...

**Ângelo Monte** – E sabe para que era, depois quando os patrões tomaram conta tinha aqui o sobrinho, que é de Monção e esse sobrinho passou a lá ir de noite, meia-noite, 2h da manhã...aparecia-me a mim e aparecia aos outros de noite, o que é que ele vinha fazer? Mas nós não sabíamos, chegava lá e “Ei Zé...vim agora do café e tal...”, ele vinha ver as temperaturas como estavam sabe, mandado pelo patrão, pelo tio, só soube depois, e onde ele encontra melhor as temperaturas era quando eu estava porquê, porque tínhamos o outro, embebedava-se, vinha para lá, quando era de dia, ia para o café embebedava-se e vinha para a seca, era assim, sabe porquê? Adormecia-lhe a perna, estava com a bebedeira adormecia-lhe a perna, de dia andava na bebedeira de noite, não tinha dormido estava...as temperaturas estavam a baixo e acima, secava o bacalhau, então o que é que acontece, aquilo era assim...o que é que eu fiz...porque é que eu tinha sempre aquilo direitinho e eles não tinham? Aquilo era assim, tinha os túneis, estava acolá o gerador a trabalhar, em princípio dava, de ligar a água...aquela, de já há anos...era automática, metia, comia e a água a mesma coisa e nós estávamos ali, tinha qui um passador, uma serpentina, vinha água quente e tinha uns motores a botar lá para dentro o ar, quer dizer, se as temperaturas de noite, tinha sempre tendência para baixar, porque é mais fresco, nós o que tínhamos que fazer, dar mais uma aceleradela aos passadores, tinha uns passadores por ali fora, tinha de se abrir mais um bocado mas isso nunca dava certo, sabe porquê? Eram muitos passadores, tínhamos 20 e tal passadores, 10 por aqui, 10 por acolá e

10 por acolá, 30 passadores que tinham umas serpentinas que depois o calor que vinha da caldeira entrava nessas serpentinas lá dentro e depois tinha uns motores a botar lá para dentro para secar o bacalhau, o bacalhau estava em estrados assim, aqui um, aqui outro, aqui outro...tinha bacalhau ali no meio, entrava por ali o ar e secava o que é que acontece, quanto mais a gente mexesse no passador mais aquilo ficava descontrolado e aparecia sempre peixe queimado e quando aparecia peixe queimado era na altura do ...porque as temperaturas subiam e queimava, passava o 21, pimba, o que acontece, eu, pensei...eu nunca vi, eu estive lá no tempo do Engenheiro que foi o que pós aquilo a secar mais, mas nunca vi a fazer...carago, tínhamos um passador que saía da caldeira, era assim um passador assim, uma roda assim grande, era o geral que era o que ia para os dois túneis, bem eu em vez de estar a mexer nos passadores, pera aí, fecha aqui um bocadinho o passador, já não passava tanto o calor e as temperaturas desciam um bocadinho, já não iam para aquele ponto, estava baixo, abre um bocadinho...eu passava ali uma noite em beleza e eles queriam saber porquê, mas eu nunca disse, “mas eu mato-me ali nos passadores, mexo num e daqui a bocado o outro já está mal” e foi a partir daí que o sobrinho do patrão disse ao patrão que eu fiquei de encarregado, eu não queria aceitar, mas deram-me mais 20 contos, naquela altura deram-me mais 20 contos e estiveram para aí 15 dias a...os dois patrões “ Zé, já está decidido”, “Diga Sr.º Gomes”, “Pronto, tu é que vais ficar a mandar nisto tudo, aqui e lá em baixo, e vamos te dar mais 20 contos”, é pá, partiu-me as pernas, olha o dinheiro, estava eu a fazer esta casinha de baixo, o dinheirinho que ganhava do rio, da lampreia, só para um...30 contos naquela altura, “Mas oh Sr.º Gomes eu tenho que ir à lampreia”, eu ganhava mais, era só 5 meses, eu ganhava mais nos 5 meses no rio do que ganhava na seca o ano todo... “E prontos, quando tiveres de ir ao rio, vais ao rio, mas não abandonas isto”, porque no rio era só de noite, o que tínhamos que ir era por exemplo às 4 horas por a rede e depois de manhã em vez de estar às 8 estar às 9 ou 9:30, “tens hora de entrar e sair à hora que tu quiseres, mas não abandones, és tu que ficas?”, fiquei eu, na seca artificial e depois dali fiquei de encarregado e mais nada, vim me embora...

**Centro de Mar** – E agora só para terminar, em termos de qualidade do peixe, diferença entre a seca de...

**Ângelo Monte** – Não sabiam fazer o amarelo, era isso a coisa que eles queriam, você sabe que eu uma vez fui a Ponte de Lima, à festa de Ponte de Lima, fui mais vezes não é, uma das vezes estava lá bacalhau amarelo a ... e eu pus-me a olhar, sabe porque ele era amarelo? Era bacalhau velho, estava muito amarelo, bacalhau velho, está 1 hora a cozer e pouco coze é como pedra, eu chego assim à beira do gajo, o gajo até me meteu pena, ele julgou que eu era algum fiscal sabe, cheguei à beira do gajo “chefe onde está o bacalhau amarelo?”, “Está ali, você não está a ver?”, “Aonde? Aquilo é bacalhau amarelo?”, “desculpa, desculpa...”, o gajo estava a vende-lo como amarelo, era velho...o bacalhau amarelo você...sabe que eu fazia aquilo, a nós davam-nos 15 kilos de bacalhau de 3 em 3 meses, daquelas folhas do especial, quando vinha aqui a cruz, o padre com a cruz, dantes era muita gente, agora já não presta para nada, sabe o que eu fazia? Pegava num louvo de uma folha cortava assim às tabelinhas, podia ter doces, podia ter chouriço, podia ter presunto, era aquilo que queria as pessoas, aquilo bacalhau amarelo já pouco sal tem, você pode comer como seja outra coisa qualquer, não faz mal nenhum, aquilo é uma maravilha...

**Centro de Mar** – E a diferença entre a seca artificial e a seca ao sol? Qual era melhor?

**Ângelo Monte** – A seca natural, a seca natural era melhor, já sabe que a seca natural não é feito...a seca artificial que é seco à pressa, a seca natural é seco normal...

**Centro de Mar** – Desidrata melhor não é?

**Ângelo Monte** – Fica mais saboroso, e o bacalhau amarelo é bom porque era seco ao natural, não era artificial, era seco ao natural, às vezes faziam artificial, às vezes estava a chover e tal e tinham peixe e precisavam de peixe e faziam, era muito raro, na seca artificial era muito raro botar bacalhau amarelo, não quer dizer que não se secou, secou...olhe eram feitas as coisas assim e eu passei lá 50 anos e agora olhe, agora estou à espera do dia...

**Centro de Mar** – Não diga isso, está com tão bom aspeto...

**Ângelo Monte** – Tenho 76...

**Centro de Mar** – E se chegar ao 100 ainda são 020 e tal...

**Ângelo Monte** – Então o meu primo já me telefonou e diz ele “Pá, está descansado, já vi a lista e tu ainda não estás na lista...” é o que deus quiser não é, para já sinto-me bem não é, sinto-me bem isto é, as forças ninguém tenha dúvidas isto começa a ir para baixo, ninguém tenha dúvidas disso, uma pessoa quando é novo não se lembra disso, mas ninguém tenha dúvidas disso...

**Centro de Mar** – Pronto, olhe Sr.º Zé...vou só desligar a Câmara...

**Ângelo Monte** – Agora já não tenho mais nada a dizer...

**Centro de Mar** – É o que eu queria, o que queria já tenho...